

São Paulo, 11 de maio de 2010

Cara Sra. Clarice Copetti,

Desde que a Caixa anunciou seu projeto ambicioso de reestruturação, seus trabalhadores entraram em um compasso angustioso de espera. A angústia explica-se pela maneira como a empresa tem tratado o processo de reestruturação, definindo datas, mas mantendo suspensa a natureza final das mudanças não explicitando o impacto real que terá sobre a vida dos trabalhadores, se ocasionarão perda de funções, deslocamentos *inter cidades*, sobreposição ou conflito de autoridades (no caso dos gerentes de retaguarda X gerentes de agência), enfim, desconhece-se o tamanho e a natureza das mudanças que a reestruturação trará sobre a vida dos trabalhadores.

As retaguardas de agência, que já têm 10 anos de existência, cumprem, ao longo desses anos, um papel importantíssimo na Caixa, principalmente garantindo a lisura dos processos em face às exigências de mercado e ao impacto real do mundo financeiro. O esforço desses trabalhadores é uma constante que não se pode negar, garantindo, assim, a conformidade das operações que, dia a dia, têm elevado o patamar da Caixa no mercado financeiro.

Os trabalhadores entendem as necessidades e o direito da Caixa de mudança, transformação em áreas que, há tempos, já deveriam estar unidas pela própria demanda administrativa de ter - sob uma mesma chancela ou rubrica - áreas afins. Mas discordamos veementemente de um processo que está sendo feito à revelia dos trabalhadores, sem o mínimo de esclarecimento ou de negociação com as entidades representativas, como se, para a Caixa, pouco importassem as mudanças na vida dos empregados ou as respostas ao conjunto dos trabalhadores que, angustiados, esperam uma sinalização, um esclarecimento. O respeito é devido não só às suas conquistas, mas ao direito de manterem suas vidas e a vida de suas famílias com dignidade e no espaço e na cidade onde escolheram viver.

A APCEF/SP, a Fetec-CUT/SP, a Feeb-SP/MS e o Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região defendem os trabalhadores que representam e exigem que a Caixa se prontifique a colocar as cartas na mesa, a esclarecer e negociar efetivamente sobre o processo em curso.

A Caixa tem trabalhado, ultimamente, com a ideia subjacente de que seus

trabalhadores têm de responder pelo crescimento da empresa e pelas suas metas a todo custo. Entendemos o necessário papel da Caixa como banco público e, também, sua necessidade de mudança em face de novos cenários macroeconômicos, mas discordamos que seus empregados sejam sacrificados em nome de qualquer meta, de qualquer projeto. São duras as condições dentro das unidades de trabalho. Nosso quadro de pessoal é menor do que era há seis anos, enquanto a lista de serviços cresce e as metas se sobrepõem sem cessar.

A APCEF/SP, a Feeb-SP/MS, a Fetec-CUT/SP e o Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região exigem, da Caixa, a garantia da manutenção das funções e a não redução de salários dos trabalhadores envolvidos nas mudanças em curso. A não redução do salário significa que os trabalhadores manterão seu padrão de vida, que é o mínimo que se pede.

Negociar e esclarecer seriam gestos mínimos esperados da Caixa, que mostrariam o respeito que ela tem pelos seus trabalhadores. Silenciar significa mostrar o descaso não só pelos trabalhadores, mas pelo seu esforço para que essa empresa seja o que é: um esforço que se renova sem cessar.

Atenciosamente,

APCEF/SP FETEC-CUT/SP Feeb-SP/MS Sindicato dos Bancários de
São Paulo, Osasco e Região